

SEÇÃO

RESENHAS

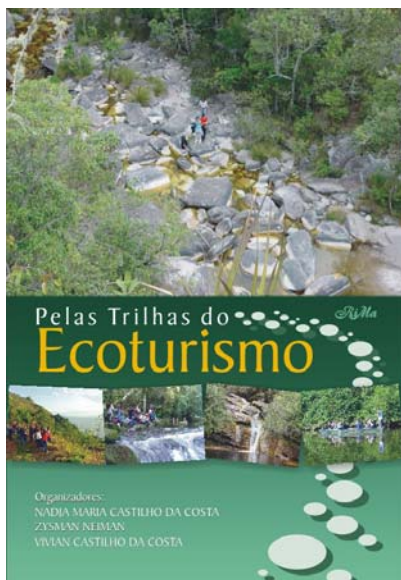
**A vida inventa!
A gente principia as coisas, no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação -
porque a vida é mutirão de todos,
por todos remexida e temperada. (...)**

(Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa)



A relação das trilhas com a efetividade de gestão do Ecoturismo

Carlos Eduardo Silva



Costa, N. M. C.; Neiman, Z.; Costa, V. C. **Pelas trilhas do Ecoturismo**. São Carlos: Rima, 2008.

Nos últimos anos o Ecoturismo tem despertado a atenção de variados segmentos – visitantes, empreendedores, acadêmicos e governantes. A idéia-base para formação dos diversos entendimentos fundamentais sobre Ecoturismo nos remete ao princípio da inclusão das comunidades e da proteção do patrimônio natural e cultural relacionado. Esta preocupação faz surgir demandas muito específicas de manejo e gestão da atividade, como por exemplo, a necessidade de capacitação qualitativa, de zoneamento dos locais visitados, de articulação dos públicos envolvidos e, sobretudo, a concepção e gestão de trilhas como instrumentos de efetiva execução da atividade.

Motivados pela real necessidade de reunir conhecimentos sobre o manejo e gestão das trilhas utilizadas no Ecoturismo, e percebendo-as não como meros espaços físicos, mas predominantemente a partir de uma visão sistêmica, onde as trilhas são instrumentos de recondução do ser humano ao mundo natural, Nadja Maria Castilho da Costa, Zysman Neiman, e Vivian Castilho da Costa organizaram a obra “Pelas trilhas do Ecoturismo” através da Editora RiMa.

Os organizadores da obra perceptivelmente reúnem em seus currículos as competências cognitivas e afetivas necessárias para compreensão e prática do Ecoturismo. Nadja Maria Castilho da Costa e Vivian Castilho da Costa são graduadas, mestres e doutoras em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Zysman Neiman é biólogo, mestre e doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo, e destaca-se como autor de obras relevantes para a temática, como, “Ecoturismo no Brasil”, “À Sombra das Árvores”, “Era Verde?” e outras não menos relevantes.

A obra está articulada em quatro partes, totalizando dezessete capítulos de imersão nas teorias e práticas da concepção de trilhas para o Ecoturismo. A primeira parte da obra reúne reflexões sobre Ecoturismo. O segundo momento da leitura nos leva a perceber a interdependente relação com a Educação Ambiental. Na terceira parte o planejamento e o manejo de trilhas tem relevante destaque. E por fim, os autores abordam as generalidades e especificidades do manejo, gestão e percepção de trilhas pelos diferentes biomas brasileiros.

A primeira parte da obra traz reflexões sobre o Ecoturismo em três capítulos, escritos respectivamente por Marta de Azevedo Irving, Nadja Castilho da Costa e

Zysman Neiman. No primeiro capítulo, Marta Irving ao abordar o Ecoturismo em áreas protegidas traz inicialmente a preocupação com a tendência de figuração da natureza como *commodity*. Com boa fundamentação teórica, a autora abre a discussão de como essa valoração econômica da atividade pode contribuir para inclusão social das comunidades e para redução das pressões sobre áreas protegidas. Neste primeiro capítulo sinto a falta de propostas efetivas para gestão do Ecoturismo em áreas protegidas. No segundo capítulo, Nadja Castilho defende a importância da organização espacial para o Ecoturismo, instrumento este proporcionado pela Geografia. A autora apresenta a geomorfologia como alternativa para o fornecimento de informações úteis no planejamento e gestão do Ecoturismo. Nadja Castilho propõe a adição do aditivo 'geo' ao termo 'Ecoturismo', formando o geo-Ecoturismo, neste ponto tenho discordância plena para com a idéia da autora, pois acredito que as ciências relacionadas não devem fazer aditivos aos termos apenas por conta de sua relação com o mesmo. Concluindo a primeira parte da obra, Zysman Neiman traz reflexões sobre a interdependência do Ecoturismo com a Educação Ambiental. O autor traz uma relevante contribuição ao abordar a educação num comparativo entre o pensamento cartesiano e o novo pensamento sistêmico. O autor mostra que a Educação Ambiental vivenciada através do Ecoturismo (representações e significados) será transformadora e complexa e poderá conduzir as ações do sujeito rumo à sustentabilidade.

A leitura continua na segunda parte com o descortinar da relevância recíproca das trilhas para com a Educação Ambiental, em quatro capítulos, escritos respectivamente por Solange Lima Guimarães; Zysman Neiman e Andréa Rabinovici; Anamaria Stranz, Paulo Fernando de Almeida Saul e Theo Vieira Larrateia; e concluindo Nadja Maria Castilho da Costa e Vivian Castilho da Costa. No quarto capítulo da obra, a autora traz reflexões sobre a percepção, interpretação, e representação do meio ambiente através do estudo de paisagens. E neste contexto demonstra como a vivência de atividades lúdicas ou interpretativas durante o decorrer de uma trilha pode aumentar as percepções e relações com a realidade, melhorando assim o bem estar humano. Zysman e Andréa trazem para o leitor, no capítulo 05, o contato com o "outro", ou seja, com o natural como forma de resgate de um elo perdido. Neste capítulo, percebe-se a preocupação com o Ecoturismo que tem foco meramente empresarial e que tende a não conseguir aproximar o Ecoturismo de sua essência primitiva e equilibrada. No sexto capítulo, os autores mostram a oportunidade de utilização das trilhas na vida escolar, especialmente para os estudantes. Os autores trazem a preocupação com os métodos de interpretação da natureza e propõem um modelo de trilhas com caráter pedagógico formal. No último capítulo desta segunda parte, Nadja e Vivian, demonstram os resultados de trabalhos realizados com professores do ensino fundamental, em trilhas do Parque Estadual de Pedra Branca, Estado do Rio de Janeiro. Este capítulo demonstrou claramente o potencial e as oportunidades pedagógicas geradas neste relacionamento de escola, Unidades de Conservação e trilhas interpretativas.

A terceira parte da obra aproxima o leitor de instrumentos de planejamento e gestão de trilhas, como por exemplo, capacidade de carga e geoprocessamento. O capítulo 08, escrito por Beatriz Stigliano e Pedro Bittencourt, apresenta reflexões sobre a aplicação do Método VAMP no Parque Estadual de Campos do Jordão, Estado de São Paulo. Este método, originário do Canadá, é caracterizado pelo processo de gerenciamento da visitação, ou seja, de gerenciamento do uso público de ambientes conservados. No capítulo seguinte, Lilia Seabra, apresenta a importância dos estudos de capacidade de suporte para o planejamento e gestão das trilhas e do Ecoturismo como um todo. A autora demonstra a viabilidade da metodologia MPTD (Monitoramento Participativo do Turismo Desejável) para mensurar a capacidade máxima, ou desejável, de visitação para determinados ambientes, especialmente as trilhas. Este assunto, é reforçado no capítulo 11, quando Milton Dines, coordenador do “Programa Pega Level!”, resalta a importância do manejo das trilhas e traz uma excelente fundamentação teórica sobre capacidade de carga. No capítulo 10, Vivian Castilho, demonstra a viabilidade técnica da utilização do geoprocessamento no planejamento de trilhas. A autora apresenta alguns softwares abertos que podem ser utilizados na geoprocessamento de trilhas. Destaca-se a importância destas ferramentas para proporcionar informações de qualidade aos gestores e visitantes nas tomadas de decisão. No décimo segundo capítulo, Flávio Mello (Zen) mostra que o manejo de trilhas vai muito além das atividades de bioengenharia, alcançando também a viabilidade de atividades econômicas, científicas e de fiscalização nas áreas protegidas.

Os biomas brasileiros ganham destaque na parte conclusiva da discussão, quando Gabriela Ries; Simone Mamede e Maristela Benites; Jayme Henrique Pacheco; Fabian Kürten e Marina Minari; e Simone Mamede, Flávia Regina de Queiroz Batista e Maristela Benites respectivamente abrilhantam os cinco capítulos finais. No início da quarta parte da obra, Gabriela Ries vivencia a Caatinga, através do turismo arqueológico e cultural no Parque Nacional da Serra da Capivara, Estado do Piauí. A fauna do Cerrado é a abordagem trazida por Maristela Benites e Simone Mamede durante o capítulo 14. As autoras ressaltam a importância de vivências no bioma Cerrado para que lhe seja dado o real valor. No capítulo seguinte os corredores ecológicos ganham destaque, especialmente o Corredor Central da Mata Atlântica, Estado do Espírito Santo. Jayme Henriques destaca a importância da utilização do DRP (Diagnostico Rápido Participativo) na concepção do Projeto Corredores Ecológicos e dos programas de turismo para a região. Chegando ao Pantanal, Estado do Mato Grosso do Sul, retoma-se a interdependência entre Educação Ambiental e Ecoturismo, neste décimo sexto capítulo, Fabian Kürten e Marina Minari trazem o alerta para a necessidade de equidade e de ética nas relações com as comunidades do Ecoturismo, sendo a Educação Ambiental um caminho para esta conquista. Por fim e não menos importante, chegamos ao capítulo 17, onde as autoras abordam a importância da diversidade biológica na atividade ecoturística em qualquer que seja o bioma. No Pantanal, no Cerrado, na Amazônia e em tantos outros percebe-se claramente a importância de respeito a cultura local, aos ecossistemas, preservando assim essa tão grandiosa biodiversidade.

Enfim, esta é uma obra digna de leitura, e mais ainda de multiplicação de seus conhecimentos. Traz ao leitor teoria e prática, e demonstra o potencial das trilhas para o tão desejado retorno do ser humano ao contato com o natural. Senti falta do debate sobre o manejo de trilhas ecoturísticas tão importantes quanto as que foram abordadas, que são as trilhas espeleológicas, ou seja, trilha em cavernas, grutas e demais paisagens cársticas. Como também de um capítulo que especificasse o potencial de geração de emprego e renda, ou seja, de economia, nos diversos pontos ou momentos das trilhas. No entanto, estas duas demandas críticas surgidas não desmerecem o louvor da obra, são registradas apenas como forma de aperfeiçoamento e ampliação de futuros debates.

Carlos Eduardo Silva: Instituto Socioambiental Árvore

Email: carlos@arvore.org.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3700554054159220>

Data de submissão: 15 de setembro de 2008

Data de aceite: 15 de setembro de 2008